



PASTORAL DA CRIANÇA

Para que todas as crianças tenham vida e a tenham em abundância (Jo 10,10)

Entrevista com Clóvis Bouffleur – Pastoral da Criança e populações em situação de vulnerabilidade

A redução da pobreza ainda é um dos maiores desafios do Brasil e um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) lançados pela Organização das Nações Unidas (ONU) para os próximos anos. A falta de oportunidade, os baixos salários e o clima, muitas vezes desfavorável para o plantio, fizeram com que muita gente migrasse para as grandes cidades. E, hoje, essas pessoas vivem em condições precárias. E muitos daqueles que não foram para as grandes cidade sofrem o abandono no campo. Muitos índios perderam as suas terras e há negros vivem em situação precária em alguns quilombos. Outros, vivem isolados à beira dos rios desse país ou compondo as populações de rua, onde também pode-se encontrar crianças.

Essas são as populações que convencionou-se chamar de “populações vulneráveis”. E as crianças são as maiores vítimas do sofrimento que essas realidades trazem. Para entender melhor qual é o significado desta situação de vulnerabilidade, que vai além do aspecto financeiro, confira a entrevista com o gestor de relações institucionais da Pastoral da Criança, Clóvis Bouffleur.



O que significa “populações vulneráveis”?

Esse termo, vulnerável, é usado para falar de diversos motivos que prejudicam a vida das pessoas, ligados à pobreza, falta de trabalho, abandono, violência, injustiça ou mesmo aquela distância que existe de onde as pessoas vivem e os serviços públicos. Em geral, isso afeta comunidades indígenas; povos das águas, das florestas (que nós chamamos, também, de ribeirinhos); os quilombolas; os acampados; ciganos; vítimas da seca; vítimas de trabalho forçado; moradores de rua; migrantes; crianças; pessoas com deficiência, dependentes químicos; idosos abandonados ou em situação de violência; ou mesmo, os desprotegidos.

Onde vivem essas populações?

Há situações mais graves desses povos que estão em áreas de conflito por terra, por exemplo. Os ribeirinhos estão concentrados na região Norte. E existem focos de pessoas afetadas pela seca em várias regiões do país. As populações de rua e

dependentes químicos são mais frequentes nas cidades, especialmente, nas maiores cidades.

E como vivem esses grupos de pessoas?

Algo que é comum nessas populações é a desesperança, o medo, a insegurança.

O que existe no governo federal para favorecer as crianças dessas populações?

Existem as ações de saúde, de assistência social – que são um serviço parecido com o Sistema Único de Saúde (SUS). Esse sistema é chamado de Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Esses dois sistemas contam com vários serviços para acolher as populações em situações de vulnerabilidade.

E em nível municipal, local e comunitário?

Existe no SUS um programa chamado “Consultórios de Rua”, voltado para as populações de rua. O serviço de assistência social acontece por meio dos Centros de Referência de Assistência Social (CRAS) e Centros de Referência Especializado de Assistência Social, que são os CREAS. Também existem, na Assistência Social, os abrigos institucionais ou “Casa-Lar” para as crianças, os “Centros-Dia” para as pessoas com deficiência, os Centros de Referência Especializada para a população em situação de rua. Todos têm a função de acolher, de oferecer soluções, respostas para o que as pessoas precisam.

O documento “Políticas de Atenção à Saúde Básica da Criança” busca dar atenção especial à primeira infância e às populações de maior vulnerabilidade. Como se dá essa atenção?

A atenção para as crianças em situação de vulnerabilidade é um dos sete eixos da política de atenção à saúde da criança. A primeira delas é a articulação das ações para incluir as crianças nas diversas redes de atendimento públicas, tanto do SUS quanto do SUAS, e por meio dos Conselhos Tutelares. Em segundo lugar, o apoio à implementação de um protocolo nacional, ou seja, de um fluxo de como as coisas devem acontecer para as crianças e adolescentes que vivem ou sofreram acidentes ou desastres, estão em situação de risco eminente. E, o terceiro aspecto dessa política é, justamente, apoiar a implementação de diretrizes para atenção integral à saúde das crianças.

Que ações a Pastoral da Criança realiza com as populações vulneráveis?

A Pastoral da Criança tem a responsabilidade – pela sua história, pelo seu compromisso – de priorizar a sua presença nos locais com crianças vulneráveis. E a maior parte das crianças acompanhadas, cerca de 75%, vivem em áreas urbanas,

como os bairros, as vilas. A outra parte vive em favelas e na área rural. E existem as crianças acompanhadas em assentamentos rurais, áreas ribeirinhas e de palafitas, indígenas, quilombos, acampamentos, áreas de ocupação e em presídios. A metodologia de trabalho é sempre a mesma em todos os lugares. E esse modo de atuar tem a capacidade de se adaptar às necessidades de cada comunidade.

Que resultados a Pastoral da Criança tem alcançado junto às populações vulneráveis?

Além de prevenir a mortalidade infantil e a desnutrição nas comunidades, a Pastoral da Criança, desde que foi fundada, contribui para o aumento de ações de segurança alimentar e nutricional; dos espaços para as crianças brincarem; contribui para a qualidade do pré-natal; incentiva o plantio de verduras, por meio de hortas domésticas e muitas outras atividades. Em alguns municípios, nós temos os articuladores da Pastoral da Criança junto aos Conselhos de Saúde, que levam esses assuntos que encontram na comunidade para o debate nos Conselhos Municipais de Saúde.

Esta entrevista é parte do Programa de Rádio Viva a Vida da Pastoral da Criança.
Programa de Rádio 1281 - 18/04/2016 – Pastoral da Criança e populações em situação de vulnerabilidade